



DIRETIVIDADE: DIFERENTES EFEITOS DO GÊNERO SOBRE O ESTUDO DOS ATOS DE FALA

Allan Bodart Machado¹; Thiago Fernandes Veronez²
¹UFES
Vitória, ES, 29075-910, Brasil
allan.machado@hotmail.com, thiagoveronez82@gmail.com

RESUMO

Quando consideramos a capacidade de liderança na sala de aula é difícil apontar problemas envolvendo discriminação de gênero, embora exista crença de que professores são mais assertivos e imperativos que professoras, dizendo que essas possivelmente evitam comprometer-se através de atos de fala. Baseado na teoria dos atos de fala e seu papel no discurso, segundo Cook, Searle e Hatch, quatro aulas do Centro de Línguas para a Comunidade foram transcritas e analisadas com objetivo de investigar o uso dos atos de fala por parte de professores e professoras, e entender a crença acerca da menor assertividade ou diretividade das professoras.

0 INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo a necessidade de professores de inglês tem aumentado, criando oportunidades para tanto homens e mulheres comecem suas vidas profissionais nesse trabalho. É interessante notar que mesmo com o preconceito de gênero que permeia o mundo em que vivemos a relação entre professores, professoras e alunos não tem mostrado muita participação nessa tradicional discriminação. Como resultado, o número de professores, independente do gênero, vem aumentando de maneira promissora.

Porém, mesmo tendo o mundo aceitado o fato de que não há diferenças práticas em empregar mulheres ou homens para o cargo de professor, a maioria das pessoas assumem que as mulheres são menos “firmes” que homens enquanto postas numa posição que expõe tanto sua pessoa, sendo menos categóricas ou falando mais “suavemente” com seus alunos.

Em termos linguísticos, considerando suas intenções por trás das palavras e os atos de fala que elas estão usando na verdade, pensa-se que mulheres, de acordo com Hatch (1992), não são tão assertivas ou comissivas ou diretivas como homens, por usarem menos desses pontos ilocucionários, ou por suavizarem-nos mais frequentemente.

Iluminados pela teoria de atos de fala de Austin (1955) interpretada por Cook (1989) [1], Hatch (1962) [2] e Searle (1969) [3], o objetivo desse estudo é investigar o ponto de distinção entre os gêneros quando eles realizam atos de fala. Essa pesquisa foi realizada no “Centro de Línguas”, um programa de extensão do departamento de línguas da UFES, de maneira que possamos checar se a afirmação de “mulheres serem menos poderosas ilocucionariamente que homens” é procedente ou não, e também fornecer um pouco de informação sobre as diferentes maneiras que ambos realizam ato de fala dentro da sala de aula. Para atingir esse objetivo, 4 transcrições de aulas de inglês foram escolhidos (dois de um homem e dois de uma mulher), dos quais foi iniciada a investigação.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Como a teoria dos atos de fala é o foco da análise dessa pesquisa, é importante fornecer definições e informações sobre suas características. De acordo com Cook (1989) [1], os princípios de cortesia e cooperação não são suficientes para o discurso coerente e bem-sucedido; também é essencial ser capaz de “inferir a função do que está sendo dito considerando sua forma e contexto” (1989:35). Essa inferência é a função dos atos de fala em geral; porém, um aspecto dos atos de fala que precisa ser considerado e discutido é o fato de que sua realização pode variar de um gênero para o outro. Isso será discutido dentro dessa pesquisa.

É dito que as sentenças produzidas por falantes são baseadas numa série de regras que são limitadas. Seguindo a ideia de Searle (1969:1) [3] de que “diferenças semânticas básicas são propensas a ter consequências sintáticas”, é discutido que essas sentenças podem ter atreladas a si funções de acordo com a intenção do falante e as palavras que ele decide usar. Porém, atrelar funções às palavras pode não ser tão simples quanto parece devido ao fato de que o significado da frase nem sempre corresponde à intenção do falante. Portanto, apenas contar com a estrutura sintática de certa frase pode não ser suficiente para compreender de maneira completa o que está sendo comunicado pelo falante em termos de intenção. Mesmo assim, alguns filósofos dizem que é possível classificar frases em pequenas unidades de função; essas funções são chamadas atos de fala. (Hatch, 1992)

As funções mencionadas no parágrafo anterior são cinco: Diretiva, Comissiva, Assertiva, Declarativa e Expressiva. A função diretiva é basicamente representada por pedidos ou quando o falante tenta persuadir o ouvinte a fazer algo.

A função comissiva representa promessas ou recusas por ações nas quais o falante se compromete a uma ação futura. A função representativa, declarativa e expressiva, representam as frases que expressam a verdade de algo, mudam a situação ou a condição de algo, ou expressam sentimentos, respectivamente. Searle (1969:8) [3] resume os atos da fala e suas funções no excerto a seguir:

“[...]então nós descobrimos que há cinco maneiras gerais de usar a língua, cinco categorias gerais de atos

ilocucionários. Nós dizemos a pessoas como as coisas são (assertiva), nós tentamos persuadi-las a fazer algo (diretiva), nós nos comprometemos a fazer coisas (comissiva), nós expressamos nossos sentimentos e atitudes (expressiva), e causamos mudança no mundo através de nossa fala (declarativa).

Dentro desse contexto nós podemos encontrar suavizações, que são expressões que minimizam a fala, implicam menos comprometimento. Por exemplo, quando a pessoa não sabe realmente se a resposta que ela deu está certa ou não, ela inicia sua sentença usando a palavra “talvez”, logo reduzindo sua exposição ante seu ouvinte.

Nós podemos também encontrar agravações nesse contexto, que são o contrário de suavizações – ao invés de reduzir a exposição causada pela oração, elas aumentam o impacto causado pela oração por expressarem mais certeza. Por exemplo, usar “amanhã certamente choverá” mostra um impacto maior e expõe mais o autor do que “amanhã vai chover”. Essas formas podem variar em potência devido a fatores incluindo relação social; porém, nesse projeto, focalizaremos nossa atenção na análise dos gêneros.

Searle (1969) [3] também desenvolveu um trabalho extensivo no assunto dos atos de fala e nos efeitos de seu uso, e dois conceitos muito importantes para essa pesquisa surgiram desses estudos: o ponto ilocucionários e a força ilocucionária. Ponto ilocucionário é o verdadeiro propósito de uma frase, o objetivo real que o falante tenta fazer com que seus ouvintes entendam quando ele diz algo. Por exemplo, quando alguém diz “está frio aqui” numa conversa face-a-face entre amigos num cômodo, ele talvez não o tenha dito para informar sua opinião sobre a temperatura do quarto. Talvez ele na verdade queira que seu parceiro de conversa tome uma atitude quanto à situação, seja ela abrir uma janela ou ligar o ventilador.

Força ilocucionária é a “potência” com a qual alguém profere sua frase, o impacto que é intencionado que tenha na percepção do ouvinte. Uma força ilocucionária maior significa uma maior exposição do falante, fazendo dele mais eminente e portanto, dependendo do ponto ilocucionário da sua frase, mais diretivo ou mais assertivo, por exemplo.

Sobre o ponto e a força ilocucionária, há uma crença quase que global – e descrença por Hatch (1992:25) [2] – que “mulheres supostamente usam mais comissivos suavizados que homens. Foi afirmado também que mulheres em geral não são assertivas”. Portanto esse projeto apresenta uma investigação sobre esse assunto, com o objetivo de analisar as diferenças no uso desses atos de fala, e também na intenção dos professores em usá-los.

2 METODOLOGIA

Para essa análise nós apresentaremos quatro transcrições de aulas de inglês. Todas as aulas analisadas foram ministradas no Centro de Línguas, um instituto de línguas localizado dentro da Universidade Federal do Espírito Santo e oficializado em 1997 como um projeto de extensão para o Departamento de Línguas. Lá estudam mais de 700 alunos que cursam não apenas inglês, mas também alemão ou francês, entre outros idiomas.

Dessas quatro aulas, as duas primeiras foram dadas por um professor (o qual chamaremos de Professor H, por questões acadêmicas e de discipulação) e as duas finais foram

dadas por uma professora (a qual chamaremos de M). Duas das aulas (uma de H e outra de M) foram ministradas para alunos do curso básico, e outras duas foram dadas a grupos intermediários.

Iluminados pela teoria dos atos de fala e sua função no discurso, essas análises foram realizadas com o objetivo de investigar os eventos de sala de aula nos quais atos de fala foram usados de maneira imperativa; porém não apenas atos diretivos foram considerados, mas todos aqueles que tinham função de guiar os alunos através da aula. Além disso, houve também uma tentativa de identificar instancias nas quais os professores usaram suavizações e agravações de maneira a modificar suas próprias frases, alterando ou não sua intenção e/ou o nível de exposição imposto pelo (ou talvez no) professor ao fazê-lo.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Transcrição I – Professor H / Intermediário I

Esse excerto foi extraído da aula ministrada pelo professor H. Esse grupo era composto por alunos do nível Intermediário I, meninos e meninas, e tomou aproximadamente meia-hora, como pode ser visto em anexo I. Esse excerto começou com uma atividade oral, seguida por uma atividade em grupo.

Na análise, 6 declarativos entre suavizados e neutros foram encontrados; 32 assertivos sendo 4 suaves, 22 neutros e 8 agravados; 20 expressivos, dentre os quais 1 era suave, 15 neutros e 4 agravados; 5 comissivos, 1 suave e 4 neutros; 45 diretivos foram encontrados, sendo 13 suaves, 23 neutros e 9 agravados.

Espera-se encontrar um número grande de diretivos quando se analisa um transcrito de sala de aula, e aqui eles foram usados como instruções para as atividades e fazer com que os alunos trabalhassem nos exercícios propostos.

Todos os comissivos foram usados para preparar os alunos para os próximos exercícios propostos e também para ajudar a organizar o fluxo da aula. Os declarativos foram usados como elogios pelo trabalho feito em sala, como reforço positivo ou “feedback”.

Assertivos foram usados como complemento aos diretivos, clarificando as informações dadas nas instruções para os exercícios e também para explicar gramática ou vocabulário; e finalmente expressivos usados foram respostas ao comentário de alunos e usados para mantê-los dispostos e envolvidos nas atividades da aula.

Transcrição II – Professor H / Básico II

Esse excerto foi extraído de uma aula ministrada pelo professor H. Seu grupo era composto de alunos do nível básico II, meninos e meninas, e tomou cerca de 30 minutos, como pode ser visto no anexo II. O excerto começou com uma atividade escrita que serviu como base para a atividade seguinte, que consistiu numa atividade oral em grupo.

Na análise, 12 declarativos sendo 1 suave, 9 neutros e 2 agravados foram identificados; 24 assertivos, sendo 6 suaves, 15 neutros e 3 agravados; apenas 8 expressivos, sendo 7 neutros e 1 agravado; 6 comissivos sendo 2 suaves e 4 neutros; 43 diretivos, sendo 9 suaves, 24 neutros e 10 agravados.

Como esperado, todos os diretivos foram usados como instruções para as atividades e pra fazer os alunos trabalharem no que havia sido pedido. É importante

mencionar que apesar do grande número de diretivos agravados, o que pode sugerir muita imperatividade, na verdade eles foram usados como incentivadores, para manter os alunos trabalhando na atividade.

Todos os comissivos usados tinham a função de preparar os alunos para os próximos passos dos exercícios propostos e para organizar o fluxo da aula, e todos os declarativos usados foram elogios pelo trabalho realizado pelos alunos, em forma de reforço positivo.

Assertivos foram usados tanto como complemento aos diretivos, clarificando a informação dada, ou os passos da atividade, ou explicações para perguntas feitas pelos alunos, ou mesmo para explicações gramaticais e vocabulares. Finalmente, os expressivos usados foram uma resposta aos comentários dos alunos em nome da disposição e do ritmo da aula.

Transcrição III – Professora M / Básico I

Esse excerto foi extraído de uma aula ministrada pela professora M. Seu grupo era composto de alunos do básico I, meninos e meninas, e levou aproximadamente 30 minutos, como pode ser visto no anexo III. O excerto começou como um exercício oral, seguido de atividades escritas com correção oral.

Na análise, 4 declarativos neutros foram encontrados; 20 assertivos neutros mais 2 suaves; 5 expressivos neutros e 1 suave; 4 comissivos neutros; 39 diretivos neutros e 3 suaves foram identificados.

A maioria dos declarativos vistos foram anúncios de novas fases da aula (como transições de um exercício pro outro).

Os poucos expressivos encontrados foram usados quando ela contou a seus alunos a própria opinião sobre os assuntos, provavelmente tentando motivá-los a falar mais sobre suas próprias opiniões. Ela usou comissivos para instruir os alunos, dizendo a eles o que ela faria nas lições seguintes.

Os assertivos estavam mais presentes em explicações sobre gramática e coerência, além de correções; os suaves foram encontrados quando a professora perguntou aos alunos se sua proposta era válida, ou quando ela não tinha certeza do que ela estava explicando – logo ela apenas apontava instruções seguindo sua própria opinião.

A maioria dos diretivos usados por ela foi pra instruir os pupilos sobre o que eles deveriam fazer em certas partes da lição, e ela até mesmo suaviza alguns deles, provavelmente para soa um pouco menos “mandona” e deixa-los mais confortáveis. É interessante notar que a professora não usou nenhum tipo de agravação e atos de fala durante esse excerto de aula.

Transcrição IV – Professora M / Intermediário I

Essa análise foi feita sobre uma aula da professora M, e seu grupo era composto por alunos do nível intermediário I. Meninos e meninas iniciaram a aula com uma atividade “warm-up” sobre uma imagem do vídeo que a professora usaria pra ilustrar o assunto da aula anterior, seguido de exercícios sobre o vídeo e então a exercícios do livro.

Nessa análise foram identificados 8 declarativos neutros; 24 assertivos neutros e 3 suaves; 8 expressivos neutros e 1 suave; 8 comissivos neutros; 46 diretivos neutros e 1 suave.

Como dito anteriormente, os declarativos foram usados quando a professora queria avançar com o tópico que ela ensinava. Os assertivos também foram apresentados quando gramática e vocabulário eram corrigidos pelo professor; as poucas suavizações foram usadas quando os alunos perguntavam sobre o vocabulário que eles não conheciam, e a professora deu opções aos alunos, mesmo quando ela não parecia certa da resposta exata, e mais tarde ela pensara sobre opções melhores.

Os expressivos usados por M foram frequentemente relacionados ao que ela tentara expressar de acordo com a resposta do aluno quando ele falava sobre o vídeo. Os comissivos eram usados quando ela se comprometia ao que ela iria fazer para os próximos passos da aula, e algumas vezes ela fez promessas sobre o que ela iria fazer aos alunos. Grande parte dos diretivos que ela usou foi para que os alunos fizessem a atividade proposta, sendo por vezes imperativa para enfatizar suas ordens. Durante essa aula foi percebido que a professora usou uma agravação quando comandou que o aluno prestasse atenção, ameaçando-o caso ele não o fizesse.

4 CONCLUSÃO

Depois de analisar os atos de fala encontrados nos transcritos de forma tanto quantitativa quanto qualitativa, é percebido que os resultados apontam em direção contrária à crença de Hatch (1992:125) [2] de que “mulheres supostamente usam mais suavizadores que homens”. Isso pode ser inferido baseado no fato de que H usou 11 comissivos para 12 utilizados por M ao passo que H usou quase o triplo de suavizações se comparado a M.

Quando sobre a afirmação de que mulheres em geral não são tão assertivas Hatch (1992) [2], o resultado mostra que a posição da autora está em consonância com os resultados obtidos pela análise com 56 ocorrências para H ante 49 para M.

A análise anterior nos leva a pensar que não importa o nível de estudantes ou o gênero do professor quando o assunto é atos de fala: eles serão usados caso a necessidade apareça, independente do professor regente. Portanto, um tópico interessante para pesquisa futura seria analisar atos de fala usados por professores de inglês brasileiros em comparação com os usados por professores de inglês de outros países, onde possivelmente o ambiente cultural pode nos levar a conclusões mais divergentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] COOK, G. *Discourse*. New York: Oxford, 1989.
- [2] HATCH, E. *Discourse and Language Education*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- [3] SEARLE, J. R. *Speech Acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: University Press, 1969.